

faq
frequently asked questions

reintegracionismo



www.agal-gz.org/gentalha
a gentalha do pichel

reintegracionismo

“**FAQ** é um acrónimo da expressão inglesa **Frequently Asked Questions**, que significa **Perguntas Frequentes**. Umha FAQ, quando usada num contexto pluralista, significa uma compilação de perguntas frequentes acerca de determinado tema. O nome nasceu, provavelmente, na Usenet, numha tentativa de reduzir o número de perguntas semelhantes repetidamente colocadas”

Pouco mais teremos que acrescentar a esta definição da Wikipédia, uma vez que este livrinho nasce com a mesma vontade de satisfazer dúvidas que qualquer outra FAQ de qualquer outro âmbito. Neste caso as perguntas não versarão sobre blogs ou telemóveis, senão sobre um dos temas que costumam aparecer nas conversas de galegos e galegas preocupadas com a situação da nossa língua.

Não pretendemos dar lições nem sentenciar com respostas categóricas. Só pretendemos deitar um pouco de luz sobre algumas das questões sobre reintegracionismo mais frequentes. Um pouco de luz sobre as dúvidas e preconceitos que nos foram colocados ultimamente por pessoas que convivem de umha ou outra maneira com reintegracionistas.

Esperamos não ofender ninguém e esclarecer o máximo possível.

1. Que é o reintegracionismo?

A definição de "reintegracionismo" aparece na Internet em inúmeras ocasiões:

"O reintegracionismo é um movimento cultural, além de linguístico, que sustém o facto de o galego pertencer com todo o direito à língua histórica conhecida mundialmente pelo nome de português ou língua portuguesa." (M. M. Santalha)

"O reintegracionismo, lusismo ou movimento lusófono galego é um movimento social que pretende a reintegração dos falares galegos no português. Também é a corrente linguística que defende essas teses" (Wikipédia portuguesa)

"O reintegracionismo é um movimento social com presença activa e tradição histórica na Galiza" (Manifesto 15D)

"O reintegracionismo, quer dizer, a defesa da ideia de que o Galego e o Português são duas variantes dumha mesma língua..." (opiniom exprimida em diferentes blogs)



" O reintegracionismo é unha corrente de pensamento e movimento social que defende as seguintes proposicións:

- O galego historicamente e internacionalmente é coñecido e está integrado na lingua portuguesa ou, no ámbito científico, galego-portuguesa; polo que as diferentes falas galegas serían, como as portuguesas, parte do mesmo diasistema lingüístico.
- A adopción da grafía histórica do galego (non absolutamente etimoloxista), que esencialmente coincide coa actual norma portuguesa, se ben mantendo algunhas das particularidades das falas galegas" (Wikipédia galega)

O conceito "reintegracionismo", como vemos, pode fazer referência a um movimento social, a um movimento cultural, a umha ideia, a umha corrente lingüística de pensamento ou a umha prática ortográfica. E em todos os casos a definição é válida, porque em todos os casos subjaz a ideia principal de estabelecer para a língua escrita umha norma semelhante à das restantes comunidades lusófonas e a de normalizar as relaços com aquelas comunidades que partilham a nossa língua. Sem complexos e sem deixar de ser autenticamente galegas e galegos: falamos de recuperar a nossa própria história.

2. Lusismo é a mesma cousa que reintegracionismo?

Sim, é a mesma cousa. Porém, o termo "lusismo" tem-se utilizado ao longo da história com matizes depreciativos em diferentes ocasiões (nomeadamente por parte dos e das defensoras da normativa oficial).



3. Porque às vezes soa tam pouco natural a vossa maneira de falar?



Porque, com efeito, às vezes pode não ser natural. Normalmente quando alguém faz esta "acusação" refere-se à presença de elementos que não costumam aparecer nas falas mais "autênticas" ou naquelas que a pessoa "acusadora" conhece ou utiliza. Estes elementos podem ser de diferente tipo e podem responder também a causas diversas: como muitas outras pessoas que hoje em dia fazem parte do movimento normalizador, muitos e muitas de nós temos origem urbana, e portanto elementos estranhos de tipo fonético, quer dizer, "sotaque espanhol". Podemos usar também elementos estranhos de tipo morfológico, quer dizer, relativos à forma das palavras: palavras terminadas em -ço/-ça (diferença ou serviço), em -çom (atençom, doaçom) verbos como dizer ou viver... E temos elementos estranhos de tipo léxico como as palavras orçamento ou parafuso. Estes dois últimos casos, os morfológicos e lexicais, respondem quase sempre à vontade de eliminar os castelhanismos da nossa fala, e isso pode afastar-nos do galego mais coloquial.

Porém, é na expressão escrita onde costuma notar-se 'à primeira' que uma pessoa é reintegracionista. Na oralidade, excepto nos casos de que falamos no parágrafo anterior, o normal é que as diferenças sejam poucas.

4. A única preocupação do reintegracionismo é a ortografia...

De maneira nenhuma isso é verdade. Nos últimos anos o movimento reintegracionista tem demonstrado amplamente a sua preocupação e entrega nas tarefas de normalização linguística do galego, trabalhando em todos os âmbitos em que lhe foi possível. A ortografia é sem dúvida a cara mais visível deste trabalho, é a marca de identidade do movimento, e não podemos negar o peso que tem nas nossas reivindicações porque é ela que nos abrirá as portas aos milhões de falantes da nossa língua. É verdade que às vezes cobra um protagonismo excessivo o debate sobre esta questão, mas também é verdade que quase sempre é por causa do veto sistemático que se exerce sobre quem defende estas posturas.



No entanto, o que ninguém pode negar é que hoje em dia muitas pessoas reintegracionistas se encontram entre as mais activas e implicadas em causas sociais de todo o tipo. Deste movimento saem, por exemplo, as promotoras dos centros sociais que estão a dinamizar a vida de muitas das nossas vilas. No âmbito da música, da comunicação social, da política ou do associacionismo juvenil encontramos muitos outros exemplos da importância do contributo desta emergente opção cultural. (Umha pequena prova disto é esta FAQ, ilustrada com cartazes de actividades da Gentalha que nada tenham a ver com questões ortográficas)

5. O reintegracionismo é umha moda dos últimos anos ou tem tradição histórica?

Algo de história tem...

Joám Manuel PINTOS, “A Gaita Gallega” 1853:

*Os que pensam que “gentes” mal escrito
Está com “g”, ponhamos por exemplo,
Ou digam que taberna, pan, e carne
Som termos castelhanos nom galegos:
Aqueles que sentenciam que “jamais”
Nom é da nossa terra puro termo:
Os que dizem que o “o” de foliada
Deve ser “u” fundando-se no vento:
Os que fam mais reparos e murmuram
Das letras e palavras em segredo,
Suplico-lhes e rogo-lhes que aguardem
E queiram dar vagar e tempo ao tempo*



Manuel MURGUÍA, 1881:

"O primeiro, o nosso idioma (...); o formoso, o nobre idioma que do outro lado desse rio é língua oficial que serve a mais de vinte milhons de homens e tem umha literatura representada polo nome glorioso de Camões e Vieira, de Garrett e de Herculano..."

"O primeiro, a nossa língua, a língua que falou este povo, e a que falam e entendem cerca de três milhons de galegos, dezoito milhons de habitantes de Portugal e dos seus domínios, doze do Brasil"

Joám-Vicente BIQUEIRA 1886-1924:

"O galego, nom sendo uma língua irmã do Português senom uma forma do português (como o andaluz do castelhano), tem-se que escrever pois como português. Viver no seu seio é viver no mundo; é viver sendo nós mesmos!"

“Insisto muito nisto da ortografia, porque ela terá, unida à purificação da língua, umha virtude mágica: fará da nossa fala camponesa, isolada, umha língua universal, de valor internacional e instrumento de cultura”

“Para adaptar a nossa literatura aos leitores portugueses temos que admitir a sua ortografia, quer dizer, a hoje válida em Portugal, somente com aquelas modificações (bem pequenas por certo!) que exigem as diferenças da língua. Este caminho já foi seguido pelos flamigantes na Bélgica, que houveram de tomar a ortografia holandesa, o que lhes aumentou de maneira considerável os leitores. Façamo-lo, pois!”

A.D.R. CASTELAO 1886-1950:

...a nossa língua está viva e floresce em Portugal, falam-na e cultivam-na mais de sessenta milhões de seres que, hoje por hoje, ainda vivem fora do imperialismo espanhol.

“O galego é um idioma extenso e útil, porque, com pequenas variantes, se fala no Brasil, em Portugal e nas colónias portuguesas”

Álvaro CUNQUEIRO 1911-1981:

“Quando lograrmos a unificação ortográfica do galego com o português, o nosso idioma poderá ser falado por 200 milhões de pessoas”

Vicente RISCO 1884-1963:

"O galego e o portuguêis som duas formas dialectais do mesmo idioma (...). Queiramos ou nom, isto trava-nos fortemente, estreitamente com Portugal e com a civilizaçom portuguesa."



Antom VILAR-PONTE 1881-1936:

“Galiza considera o português como o galego nacionalizado e modernizado.” “Enquanto viva o português, o galego nom morrerá (...). Ou é que ainda há quem pense, possuindo alguma cultura, que o nosso idioma vernáculo e o idioma de Portugal nom som um e o mesmo, com idêntica sintaxe e idêntico léxico, salvo pequenas diferenças de morfologia, ortográficas e prosódias (...)?”

“Entre o galego e o português de hoje nom há mais diferenças que as existentes entre o castelhano de Castela e o de Andaluzia e América; e a sua unificacom é tam fácil, se nom mais, que a realizada por

flamengos e holandeses com o idioma comum, que somente se diferenciava na ortografia e nalguns giros prosódicos. Quando se vam dar as normas precisas para tentá-la pouco a pouco? Pudérom ser chamados nunca a umha missom de maior transcendência no terreno da própria cultura, da cultura autóctone, a Academia Galega e o Seminário de Estudos Galegos?"

Ramón OUTEIRO PEDRAIO 1886-1976:

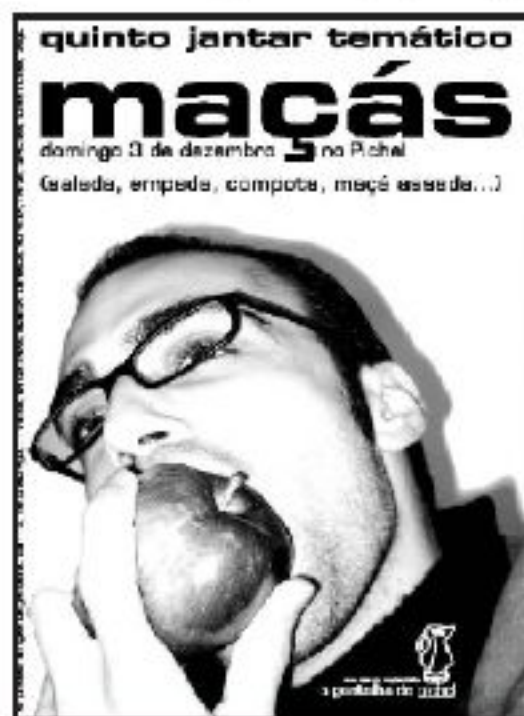
"Os melhores espíritos portugueses e galegos som cidadãos da integridade da Galiza antiga (...). A língua deve voltar a ser a mesma, para fortalecimento do ser transcendental da Céltiga ibérica."

Eduardo PONDAL 1835-1917:

"Nobre e harmoniosa fala de Breogám [...]!
Tu, sinal misterioso dos teus filhos serás [...]!
Serás épica tuba, e forte sem rival,
que chamarás os filhos que além do Minho están,
os bons filhos de Luso, apartados irmaos
de nós, por um destino invejoso e fatal;
com robustos acentos, grandes, os chamarás;
verbo do gram Camões, fala de Breogám!"



6. Preferides umha cantora brasileira a umha galega... nom será que sodes uns acomplexados?



Que haja pessoas que pensem assim nom tem nada a ver com ser reintegracionista, e, de facto, o reintegracionismo está especialmente atento à produçom cultural galega. No entanto, é verdade que há tendência para valorizar muito as achegas culturais vindas de países lusófonos por dous motivos. Um, que a ausência de manifestaçons artísticas portuguesas no panorama cultural galego é praticamente sistemática e o reintegracionismo tenta corrigir isso; outro, que pensamos que o lusófono é também o nosso mundo e queremos conhecê-lo e relacionar-nos normalmente com ele.

7. Eu nom entendo o português, como vai ser a mesma língua?

A intercompreensom entre falantes nom implica necessariamente que a língua seja a mesma, como tampouco implica o contrário a pertença a sistemas lingüísticos diferentes. Basta darmos umha vista de olhos ao que

acontece no alemão, no chinês, no árabe ou no italiano (nem sempre há intercompreensão entre falantes das suas variantes) ou ao que acontece quando falamos espanhol em Portugal. Podemos afirmar sem muito receio que as línguas são, sobretudo, conceitos políticos, e que são os estados que determinam onde começam e onde acabam. Da mesma maneira que a situação legal de uma língua não determina a sua existência, tampouco a compreensibilidade deve condicioná-la. Muitos séculos de fronteiras decidiram que até nos podia custar menos compreender o espanhol de Cádiz que o português do Porto; e é que, paradoxalmente, temos mais contacto com o primeiro.



8. Quando vou a Portugal e falo galego respondem-me em espanhol: não pensam que esteja a falar a mesma língua.

A resposta anterior pode ser aplicada também a esta pergunta, mas podemos acrescentar argumentos de tipo sociológico que explicam a insistência que por vezes temos em Portugal para falar espanhol. A maior parte dos e das portuguesas desconhecem a realidade linguística do Estado espanhol, de maneira que aplicam automaticamente a lógica do país em que vivem de "um estado, uma língua". Em muitas ocasiões não conseguem identificar como galego a nossa língua devido à presença de castelhanismos ou devido à fonética, que não é igual que a portuguesa, e, segundo a lógica anteriormente mencionada, se não é portuguesa terá que ser espanhola.

curso de iniciación de pandeireta e canto

contacto: 677 037 082 - gentaldopichel@eou.pt
lugar: Local da AGAL Avda. Castelão 40, rés-do-chão.

duración: 5 meses
comenz: 8 de outubro de 2010
frecuencia: todas as semanas de 21:00 a 22:00
prezo: 10€ (persoas asociadas: 7€)

colabora: AGAL

organiza: a gentalla do pichel

9. Não será melhor preocupar-se com que a gente fale galego, e depois ver que fazemos com a norma?

A velha dicotomia entre normalização e normatização está superada hoje pela deriva que os usos do galego tiveram na nossa sociedade. Consideramos que é um erro não ter em conta para a normalização da língua a dimensão de internacionalidade que o reintegracionismo conferiria, dotando-a de registos que até hoje não foram implementados e dotando-a também, portanto, de umas ferramentas que a fariam muito mais útil para os galegos e galegas. A vertiginosa perda de falantes está constatada, e talvez estejamos na hora de reconhecer que a velha estratégia fracassou. Talvez estejamos na hora de experimentar por outras vias como detê-la.

10. Escrevendo 'geografia' com gê, a maioria lê como em espanhol...

O monocultivo do "x" só se dá em 'galego'. Dentre todas estas línguas, só em espanhol se lê à espanhola, quem 'escreve raro' entom?

O RARO:

Inglês **Geography**
Espanhol **Geografía**
Francês **Géographie**
Português **Geografia**
Alemão **Geographie**
Italiano **Geografia**
Catalão **Geografia**
Sueco **Geografi**
Dinamarquês **Geografi...** e muitos mais

O NORMAL:

"galego" **Xeografia**



11. Queredes substituir o colonialismo madrileno polo lisboeta?

Nom queremos substituir colonialismo nengum. Na Galiza temos a nossa língua, e queremos poder viver em galego as 24 horas do dia em todos os âmbitos da vida. Isso hoje nom é possível, como todos e todas sabemos, e nós propomos abrir a fronteira do Minho para cobrir de maneira imediata algumas das carências que temos. Um relacionamento normal com Portugal permitiria-nos ler revistas de informática ou de pesca e ver programas de bricolage numha variante da nossa língua sem necessidade de recorrer sistematicamente ao espanhol. Chamar a isto colonialismo, a umha decisom que nós tomaríamos, num mundo cada vez mais aberto e relacionado, é disparatado. Se é colonialismo a possibilidade de ter em galego o telemóvel, o software ou as instruções de qualquer aparelho, bem-vindo seja.

12. As instituições lingüísticas da Galiza afirmam que galego e portuguê s som línguas diferentes. Estám enganadas?

A ideia de o galego e o portuguê s serem línguas diferentes nom assenta numha base científica. A razom de ser dessa afirmaçom tem umha origem política, isto é, tem a ver com a ideia de língua, e portanto o projecto de País, que se defenda. A saúde do galego nunca foi umha prioridade dos nossos governos. Estes, por agora, tenhem-se conformado com umha língua subordinada ao espanhol, e um dos principais indícios dessa subordinaçom é a consideraçom do galego como umha língua minoritária, limitada às fronteiras do Estado. De facto, a opiniom dessas instituições lingüísticas podia ter sido outra, se nos anos 80 tivessem triunfado as ideias do galeguismo anterior à 1936. Para este galeguismo, o galego nom era umha língua minoritária: tinha muitas outras variantes espalhadas polo mundo com as quais devia relacionar-se, para fortalecer-se sem renunciar a nengumha das suas peculiaridades. Em Valência, por exemplo, depois de anos de conflito, as instituições valencianas optárom pola via mais lógica, a da unidade lingüística com as outras variantes do catalám, ainda que o PP continue a pôr muitas dificuldades sempre que pode. Porque nom há de acontecer o mesmo na Galiza?



13. E que fazemos com o ensino?

O reintegracionismo nunca será umha imposiçom, nem no ensino nem fora dele. Para nós seria totalmente ilógico que umha norma ou umha maneira de entender a língua excluísse as outras, como acontece na actualidade. Os galegos e as galegas, e nomeadamente as pessoas que usam o galego, só devem poder optar. O que nós pretendemos é que o ensino sirva tambeem para desbravar outros caminhos, para que as pessoas saibam que o galego dá outras possibilidades a todas aquelas pessoas que quizerem fazer uso delas. O exemplo da Noruega, onde convivem duas normativas, é para nós umha das possibilidades a ter em conta e que ajudaria a resolver esta problemática.

14. Desapareceriam palavras galegas se triunfassem as vossas posturas?

Nada mais longe da realidade. Ser reintegracionista nom significa passar a comportar-se como 'portugueses' ou como 'brasileiros', nem sequer em termos lingüísticos. O que defendemos é que as falas galegas podem ser representadas com a mesma ortografia que os países lusófonos e que isso abriria portas à nossa língua. Com esta ortografia nós podemos escrever qualquer termo legítimo galego, exista ou nom noutros países da nossa área cultural. Ou alguém pensa que umha língua falada em oito países vai usar exactamente o mesmo vocabulário em todos eles? A diversidade é um dos grandes valores das línguas mais espalhadas do mundo. Isto nom quer dizer que devamos admitir sem mais os numerosos castelhanismos que fôrom entrando nas falas galegas nos últimos séculos, e nesse sentido os países lusófonos som umha ferramenta imprescindível para fortalecer o uso de palavras como Galiza, Deus, povo, estrada ou segunda-feira.



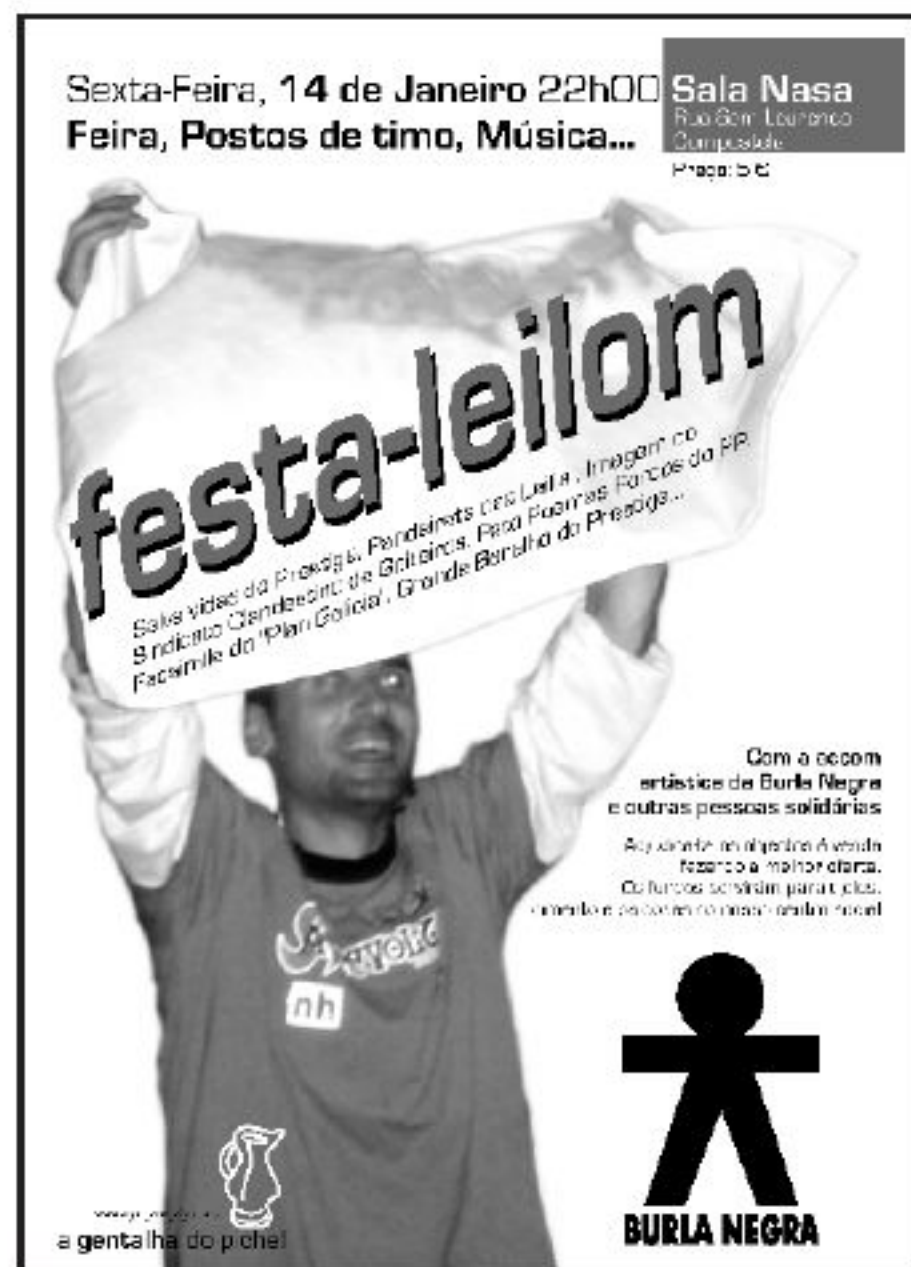
15. Quando existem palavras galegas, porque preferides as portuguesas?

Isso nom é assim; quando as palabras som realmente galegas, preferimos sem lugar a dúvidas as galegas. Acontece que nalguns casos discutimos a galeguidade de algumhas propostas que fôrom normativizadas. Um dos casos mais conhecidos é o de greve, que aparece em cartazes em reintegrado quando é convocada o que a maioria das pessoas conhece como 'folga'. Folga sempre significou, na Galiza, Portugal ou no Brasil, 'descanso' ou 'dia de descanso', e nom 'dia em que se reivindicam direitos laborais'. Este último valor entrou recentemente no galego através do espanhol, enquanto noutros idiomas se habilitavam novas palabras para o conceito (francês grève; basco greba; catalám vaga). Nós pensamos que é preferível usar o português como modelo para incorporar novos termos à língua. Neste caso o português utilizou um termo originário do francês para evitar a perda do significado tradicional de 'folga', e nós devíamos igualmente preservar a nossa riqueza lingüística evitando roubar ou deturpar o sentido original da palabra.

[illegible]

16. O reintegracionismo está vinculado a opções políticas concretas?

O reintegracionismo pode ser defendido seja qual for o ponto de vista ideológico de partida, porque promove umha política cultural e lingüística aberta para o galego, e a defesa de umha língua apenas tem umha paternidade: o povo que a usa. Ora bem, nom se pode negar que a maioria das pessoas mais preocupadas polo futuro do idioma, as que mais reflectem sobre ele, se encontram no nacionalismo, como em épocas passadas se encontrárom no regionalismo. O independentismo político foi um dos sectores desse nacionalismo amplo que decidiu pôr em prática a ortografia reintegrada, e nesse sentido merece o aplauso do movimento normalizador. Mas o reintegracionismo é defendido por pessoas de todas as ideologias, havendo também, em sentido contrário, independentistas radicalmente contrários a ele.



17. Entom a minha avó nom sabe falar galego?

Provavelmente a tua avó preserve no galego que fala um valiosíssimo património que cada vez é mais difícil de encontrar nas e nos falantes mais novos. Nengumha pessoa preocupada com o futuro da nossa língua renunciará a aproveitar o conhecimento que a gente velha tem sobre o galego. O que nós pensamos, que às vezes é confundido por desconhecimento e até por má fé, é que, para além do galego das nossas avós, existem outros galegos, e que todos eles devem estar em contacto, enriquecendo-se. Nom seremos nunca as reintegracionistas a dar ou tirar a carta de legitimidade a nengum falar. A razom da pergunta talvez seja que no reintegracionismo se tem insistido muito em recuperar para o nosso idioma registos lingüísticos que o galego nom tivo nos séculos passados, como a judicatura, a ciência ou a tecnologia. Para isso é necessário um padrom que 'os nossos avós' nom dominam em galego, porque esta língua careceu deles durante muitíssimo tempo. Pensar que este galego vai substituir o outro, o coloquial, é disparatado.

Muito temos que aprender das nossas avós, muitas palavras, frases feitas, fonética, sotaque, usos, atitudes... mas nós podemos também contribuir a enriquecer a nossa língua com a reflexom sobre os elementos que a deterioram.

18. O reintegracionismo é só umha maneira de fazer o galego mais diferente do espanhol?

O reintegracionismo defende umha política lingüística que vincule as nossas falas aos outros 'galegos' do mundo. Isto tem várias conseqüências: umha delas, talvez a mais visível, é a mudança dos hábitos ortográficos que até agora nos vinculam ao espanhol. Portanto, é inegável que o reintegracionismo torna o aspecto do galego mais diferente do espanhol, mas nom é verdade que seja essa a intençom do nosso movimento. Se assim fosse, poderíamos simplesmente ter optado por umha ortografia fonética, medieval ou doutro idioma qualquer.

19. Queredes que o castelhano desapareça da Galiza?

A língua da Galiza é o galego, e se algum dia isto deixa de ser assim, que seja porque o povo galego, desde a total liberdade e desde a total possibilidade de utilizar o galego em todos e cada um dos contextos da vida, decida suicidar-se como realidade diferenciada. Queremos que o galego seja umha língua forte, queremos poder utilizar a nossa língua em qualquer âmbito da vida, desde o coloquial ao científico, desde o local ao internacional. Para isso, pensamos que a nossa proposta lingüística é mais útil, porque nos reforça nos dias de hoje. O futuro que cada umha de nós propomos para o espanhol nom tem umha relação directa com a postura reintegracionista, mas com o projecto de país que tivermos para a Galiza.

20. Queredes que as pessoas falem com 'lusismos'?

Difícilmente o reintegracionismo pode obrigar ninguém a falar como quer que seja (aliás, a proposta reintegracionista afecta fundamentalmente a língua escrita, nom a oralidade). Na verdade, poucas instituições no mundo temem hoje em dia capacidade para fazer tal cousa. As pessoas usam a língua para comunicar, e para conseguirem isso usam as palavras mais adequadas em cada caso. Nesse sentido, de pouco valerá usar as palavras brasileiras 'xangô' ou 'caipira' na Galiza ou Portugal, ou as palavras 'bica' e 'galão' no Brasil ou na Galiza. Porém, existem outras muitas palavras que, sendo galegas, fôrom desaparecendo das nossas falas e podemos aproveitar a vitalidade de que gozam nos países lusófonos para recuperá-las. O nome tradicional dos dias da semana é um bom exemplo disso. Em definitivo, o que queremos é promover o conhecimento das outras variedades da nossa língua, aproveitando o que nos interesse e obviando o que nom nos valha.



21. O reintegracionismo quer integrar a Galiza em Portugal?

Rotundamente, nom.

22. As pessoas teriam que ir a Portugal aprender o galego?

O galego é a língua da Galiza e o melhor lugar para a aprender é a própria Galiza. Teria algum sentido que um mexicano fosse aprender o espanhol a Madrid? Nom. Mas isso nom impede aos países de língua espanhola estarem em contacto, tomando decisons comuns em relação à codificação ortográfica ou às regras gramaticais da mesma. É perfeitamente normal, no entanto, que as pessoas preocupadas pela língua gostem de viajar a outros países de língua portuguesa, conhecendo em profundidade as particularidades das suas variantes, e usando-as como exemplo para fortalecer o galego.

23. Nem vós vos aclarades, quantos reintegracionismos há?

'Cada reintegracionista é um reintegracionismo diferente'. Por trás desta frase, normalmente pejorativa, existe umha grande verdade. Da mesma maneira que nengum galego fala um galego exactamente igual aos outros, também cada reintegracionista costuma ter umha visom mui particular da problemática. O nosso movimento nunca aspirou a ser umha postura inflexível. É, de facto, um movimento multilinear em que existem diferentes ritmos de intervençom. Assim, existem pessoas que usam umha norma ortográfica convergente, mas nom idêntica, com o português, e outras que usam exactamente as mesmas regras ortográficas que no português de Portugal ou Brasil. Esse pormenor nom é para nós importante: o essencial é que todos os reintegracionistas queremos restabelecer o contacto perdido com as outras variedades do galego no mundo, fornecendo-nos de um modelo ortográfico comum.

24. Porque havemos de escrever assim, se aqui nunca se usou nh, lh ou ç?

coincidindo co começo da outono...
roteiro e romaria
domingo 23 de setembro
saída às 11h30 do c.a. o pinel

de **despedida**
do Verão

roteiro pelas ribeiras
do rio tambre e depois...
merenda, música,
jogos populares,
plantagem de cerviños,
etc., etc.

www.ajacv.org
a gentilha do pinel

Na Galiza usárom-se todas essas letras. Basta ver qualquer texto medieval ou posterior para verificar que a ortografia usada é substancialmente a mesma que hoje usam em Portugal ou no Brasil, com as lógicas diferenças de cinco séculos de distância temporal. Os hábitos ortográficos que temos na actualidade som lógicos, porque quando começamos a escrever galego de novo, só conhecíamos a ortografia da língua em que fôramos alfabetizados. Os primeiros autores e autoras do século XIX nem sequer conheciam a existência de um legado literário comum à Galiza e Portugal. Mas nom se trata de olhar para trás. O que devemos perguntar-nos é se seria positivo mudarmos esses hábitos (com o esforço inegável que implica) para comunicar mais eficazmente com o mundo, e também para que mais mundo comunique connosco.

feita 01 de Maio 2014
galego-catalá

Xoriguers de la UdG
(Catedráticos da Universidade de Girona)
às 20h, no Pórtico da Quinta

Foliada galego-catalá
às 22h, no Café Embora

Associação cultural
a gentilha do pinel

Embora

25. O reintegracionismo faria com que se perdesse a riqueza dialectal do galego?

Nom. A vida moderna e a pressom do espanhol é a responsável pola perda de riqueza dialectal do galego. Mas nom nos enganemos, porque esta é umha dinâmica comum a todas as línguas do mundo. A urbanizaçom da sociedade e a melhoria das comunicaçoms fai com que as pessoas fagam uso da variedade padrom da língua com maior freqüência. O espanhol de um cántabro de 80 anos tem mais diferenças em relaçom ao espanhol de um andaluz da mesma idade do que o espanhol de um cántabro e um andaluz adolescentes. Quer dizer, esta preocupaçom, que contém umha verdade, nom é responsabilidade do reintegracionismo nem do isolacionismo. Ora bem, nós pensamos que seria mais fácil defender a nossa riqueza dialectal dentro do âmbito cultural próprio, porque relaxaria a pressom do espanhol sobre o conjunto das falas galegas.

política lingüística reparte
2.207.028 €
anuais a jornais em espanhol

ABC 40.000 €	El Correo Gallego 104.618 €	FARO DE VIGO 150.000 €	EL PAIS 100.000 €	La Opinión 34.615 €
El Progreso 68.208 €	San Vago de Galicia 150.000 €	Diario de Pontevedra 39.334 €	Diario de Lugo 68.801 €	

A quem vai parar o dinheiro da Política Lingüística?
 Pois o jornais escritos em espanhol, que por matarem alguma noticia em galego de vez em quando levam enormes quantias. Entretanto, mais de oitenta oçom como o Novo da Galiza, inteiramente galeguizado, nom recebem um peso com o pretexto da normativa.
 Reintegracionismo... impoñendo... que nos desvalva o dinheiro!

a gentilha do piche

cursos
06/07

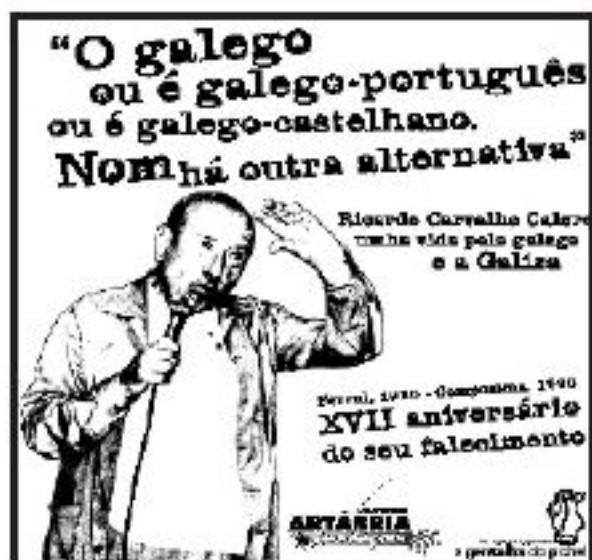
colino harmonia e corais pandeiro ataba violoncelo baixo violoncelo cantam pedra tamboril gaita portuguesa teatro

a gentilha do piche

26. A norma reintegrada é oficial?

Nom. Realmente nom há nengumha norma oficial, mas isso é um assunto jurídico que nom é pertinente neste texto. Nós consideramos que, realmente, a norma reintegrada é oficial em muitos países através do português, e isso dá-lhe muito valor, porque abre às pessoas que a usam na Galiza (cada vez mais) umhas possibilidades comunicativas que a norma considerada oficial nom tem. O que nós pretendemos é que, reivindicando-a através do uso, acabe por ser reconhecida como outra possibilidade de galego. Assim, democraticamente, o povo galego poderia optar com liberdade pola opçom mais conveniente.

Esta proposta "legal" que fazemos nom é um invento do reintegracionismo; de facto, na Noruega existem duas opçons normativas. As duas possuem a mesma consideraçom legal e docente, e cada município elege qual variedade escrita será empregada e ensinada na escola, sendo o ensino da outra variedade obrigatório no ensino secundário.



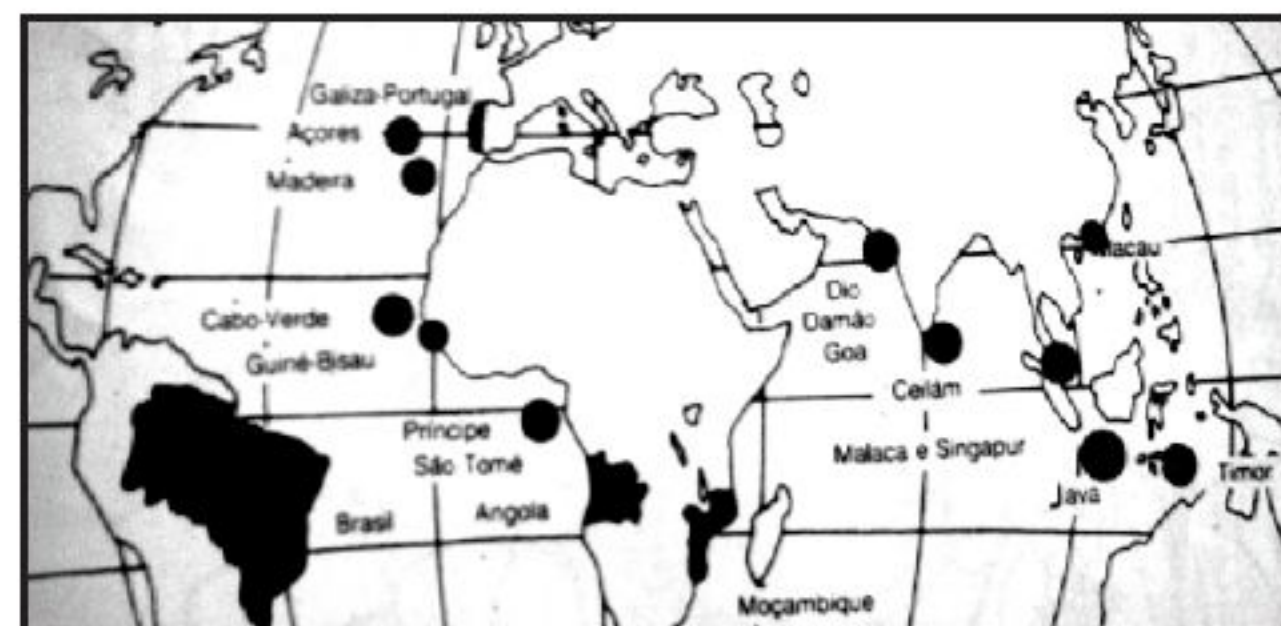
27. Sendo umha língua minoritária, para mim, o galego, é tam importante como o português ou o espanhol...

Estamos em condições de assegurar que nom existem reintegracionistas que desprezem sequer um pouquinho a mais minoritária das línguas, e normalmente estão imensamente implicadas na defesa das mesmas. O que acontece é que nós nom pensamos que o galego seja umha língua minoritária e portanto parece-nos ilógico isolar-se do mundo quando nom existe nisso nengumha vantagem.

Muitas e muitos cataláns afirmam que nunca desaproveitariam umha oportunidade como a que nós temos, e isso nom quer dizer que sejam insolidários com outras línguas minoritárias.

28. Para escrever reintegrado é preciso muito esforço, é quase como aprender umha língua diferente...

Como noutros ámbitos da vida, também há no reintegracionismo muitos perfeccionistas. Mas, na realidade, para ser reintegracionista só é preciso usar o galego de sempre adequando-o a umhas mínimas normas ortográficas de fácil aprendizagem. Logicamente, sem a existência de ensino nem meios de comunicação que veiculem o galego deste modo, será normal cometer muitos erros mas... Que importa? Alguém nasceu aprendido nalgumha coisa? Se, quando usares o reintegrado, alguém te acusar de nom saber escrever, que do todo há neste mundo, o mais fácil será mandá-lo passear.



29. O 'povo' jamais aceitaria o reintegracionismo...

Sinceramente, duvidamos muito disso, mas o povo nunca foi consultado e portanto é um pouco arriscado dar umha resposta ou outra a esta afirmação tam repetida em círculos contrários ao reintegracionismo. O problema é que, para além de nom ser consultado, tampouco dispom de informação sobre esta problemática, e disso nós nom temos culpa nengumha. Se alguém considera que o povo nom está à altura deste debate, entom tem razom, o povo jamais aceitará o reintegracionismo. Mas nós nom pensamos que seja assim. Os galegos e galegas som o suficiente maduras para entender que umha língua, para ter sentido no mundo, há de ser o mais útil possível. Por isso saberám compreender as nossas posturas, independentemente de que haja pessoas que concordem com elas ou nom, como em qualquer âmbito da vida.

